

INTRODUÇÃO À INGLATERRA

Eu sei que é ridículo em Portugal amar outros países, quando é hábito, e mesmo uma instituição nacional, fazer profissão de amor pelo nosso. É precisamente isto que eu acho um pouco ridículo, um pouco ingénuo, talvez como que a suspeitosa necessidade de reafirmar patriotismo, peculiar às pátrias muito jovens ou bastante provectoras. Porque, parece-me, amar o próprio país é uma situação iniludível: é como amar a vida, que até os suicidas amam desesperadamente. Posto isto, devo começar por declarar que foi com muita alegria que recebi a oportunidade de, alguns anos após uma primeira estadia, visitar a Inglaterra. Não direi que este país tenha sido alguma vez para mim uma segunda pátria espiritual. Creio mesmo que, em Portugal, tirando casos notórios de eczema literário em relação à «douce France», talvez só Fernando Pessoa possa reclamar o reconhecimento de uma autêntica segunda pátria do espírito. A nossa cultura clássica foi sempre bastante superficial, sempre muito só literária ou demasiado teológica, para produzir casos de fascinação em relação à Grécia ou a Roma, análogos aos que a cultura alemã ou a inglesa apresentam em muitas, senão em quase todas, das suas mais importantes e universalmente significativas figuras. Que me recorde nenhum Byron nosso morreu por qualquer Grécia não-mercenária, nenhum Shelley nosso se afogou nos mares da Itália, nenhum Goethe escreveu na nossa língua elegias romanas, nenhum Hölderlin falou dos deuses acreditando efectivamente neles como tais, nenhum Wagner fechou os olhos ante a Veneza que eu só conheço dourada pela pintura de Turner, vista aqui, em Inglaterra. Uma cantiga do velho e admirável Sá de Miranda é talvez pouco, e o génio universal de Camões pouco ou nada tem que ver com estas coisas. Os portugueses não têm, em geral, destas segundas pátrias, uma vivência profunda, talvez porque não saibam verdadeiramente viver,

de ponta a ponta, lucidamente, a vida que racionalmente criaram. A nossa consciência de uma maneira de ser, por nós e pelas circunstâncias modelada através dos séculos, é-nos demasiado exterior: sempre a sentimos como algo que nos foi imposto, algo de cuja criação em verdade não participamos. De tal forma a nossa história interna é, como a da Espanha, uma história «diferente», uma sucessão de oligarquias ascendentes e decadentes (ou mais exactamente: de novos elementos penetrando, muito peneiradamente, na oligarquia existente), que, colectivamente, nos é difícil conceber como nossa, realmente nossa, uma história gloriosa de descobridores, uma vaidade imperial de grandes senhores de outrora. Por isso, quando uma cultura ou um país nos surgem como contendo aquela complementaridade que toda e qualquer cultura vitalmente anseia, a vivência é restrita, desconfiada e cautelosa, já que não sabemos nunca de que será ela efectivamente complementar. Não julgo, de resto, que uma vida nacional, por peculiar que seja (e estou imerso, neste momento, numa que o é muitíssimo), constitua uma constante secular. Nada há de comum entre a Inglaterra de hoje e a da Idade Média, salvo talvez um feudalismo levado às últimas consequências do individualismo liberal; como nada há de comum entre o Portugal de hoje e o Portugal manuelino, salvo o factor — decisivo aliás para a manutenção de uma humildade pungente, que será uma das «constantes» da nossa «cultura» — de a maior parte da população viver ruralmente ainda da mesma maneira, com a diferença da substituição da candeia pelo candeeiro de petróleo. Uma vida nacional é um organismo que evolui. Por isso mesmo é vida. Quando não evolui, será nacional sem a mínima dúvida, mas parece-se muito com a estátua de sal da mulher de Loth, para empregarmos, delicadamente, uma analogia bíblica e, portanto, garantida.

Rever, portanto, a Inglaterra, cujos autores tenho lido e traduzido, é como que encontrar, ao vivo, aquilo que conhecíamos já. É uma surpresa de reconhecimento. Eu nunca aqui vivi longamente, não posso dizer que tenha amigos ingleses. Não alimentei nunca a pretensão de adquirir hábitos ou modos tidos por britânicos — e acho extremamente incómoda para o sossego do rosto a despesa de sorrisos sem significado que os ingleses diariamente fazem entre si. Mas, contudo, devo confessar que muito me fascina aqui, embora a cultura desempenhe na fascinação um papel muito importante. Para um natural de um país onde tudo desaparece, onde as memórias (históricas ou individuais) são um exercício convencional, é sentimentalmente agradável e espiritualmente de uma suave amargura viver num país cuja vida é socialmente um

exemplo da lei de Lavoisier ou, mais latamente, do princípio da conservação da energia... Aqui, nada se perde, tudo se transforma; e é possível viver-se, sem nostalgias literatas ou patrioteiras, no real rio sempre fugidio da vida, sabendo que as águas não são as mesmas, mas o rio é. Na casa onde morei da outra vez, em Londres, não sabia eu que Gibbon escrevera sobre a «decadência e a queda do Império Romano». Defronte da minha actual casa de Londres, em Chelsea, viveu Carlyle. Mais adiante, à beira do rio, viveram Dante Gabriel Rossetti e Swinburne, e George Eliot. Não há ninguém medianamente ilustre que não tenha pelo menos um cenotáfio em Westminster ou um retrato na National Portrait Gallery. Stratford-upon-Avon é uma espécie de Jerusalém da alma britânica. Em Portugal, é diferente: tudo se perde, e nada se transforma. Aqui, perto de mim, nesta aldeia do Buckinghamshire de onde escrevo, para além destas árvores magníficas onde há pássaros e passeiam esquilos, está o velho cemitério acerca do qual Gray escreveu um dos mais belos poemas do século XVIII. Toda a gente aqui sabe disto, e é difícil distinguir quem está em dívida, se o velho cemitério à volta da igrejinha, se o sábio e catedrático Gray. E é este, por certo, um dos encantos da cultura e da vida britânicas. Nem a primeira passa o tempo a ansiar pela segunda, nem esta decorre à margem daquela, indiferente e feliz na sua mesquinhez fiel aos séculos. A própria indiferença — e a que ponto os ingleses são no íntimo indiferentes a quase tudo! — é aqui um convívio, uma solidão partilhada. A vida, ao que suponho, é isso mesmo.

Stoke Poges, Setembro de 1957.

INGLATERRA E POESIA

Nunca advoguei que fosse necessário e indispensável conhecer-se de perto um país cuja literatura se ame. Ou melhor: sempre achei ridículo o sentimento de superioridade daqueles que, amantes de qualquer cultura, o adquiriram numa peregrinação votiva, quantas vezes de Baedeker ou outro guia em punho, e a admiração embevecida já marcada nas páginas do precioso livro. É ridículo, porque às vezes, nem mesmo uma longa estadia nos pode dar uma imagem que seguramente seja total. Cada qual vive a sua vida em certos meios que de certa maneira a vivem; e, ainda que característica, essa vida é só uma parcela da vida geral. Depois, é nossa tendência no estrangeiro, como aliás na província, tomarmos por significativo o que apenas será peculiar a pessoas com as quais convivemos. E, nos grandes centros, quanto maiores forem, mais a vida de cada um se fecha necessariamente numa aldeia restrita embora tentacular. É mesmo o cruzamento de miríades desses tentáculos incomunicáveis e intransmissíveis, que dá, aos grandes centros, o ar de imensas metrópoles, bem mais que a vastidão da arca, a altura dos prédios, o comprimento e a largura das ruas, o movimento multitudinário. Depois, se das diferenças do viver quotidiano nos fiássemos, se das disparidades de escala e concepções e organização de vida fizéssemos a luz com que compreender tudo, menos compreenderíamos a humanidade que a todos é comum, por sob a confusão babélica das línguas e o ritmo estranho de um outro viver. Aliás, como então amaríamos literaturas mortas, cujo calor ressuscitamos dos textos, cujo movimento temos de sonhar entre ruínas ou em face de fragmentos de museu? E a Grécia antiga, por exemplo, vive mais na sua paisagem com um outro povo, que no nosso coração de europeus? É que uma visita, um convívio, uma vida, não substituem aquelas visitas e convívios, aquela vida que vivemos ao contacto de espíritos que em si resu-

mem fases e momentos de uma cultura, e daquelas obras que para nós ainda palpitam pela consciência com que foram feitas. Os olhos de uma múmia — o retrato pintado na tampa — podem olhar-me com uma perfeita e actual humanidade. Os poemas de um Shelley ou de um Keats dizem-me mais da Inglaterra que ela mesma. Mas... se a nossa razão de ser é recolher, captar, gerar e transmitir quanta humanidade se dispersa, consome, desperdiça ou está latente em nós — e se o tom, a intenção, o gesto são coisas significativas em que se concentra uma experiência de séculos — então colhamos humildemente, daquilo a que se chama conhecer de perto, aquela subtil, ocasional e pequenina luz, sem a qual talvez um qualquer verso nos pareceria vazio ou as cores de uma pintura convencionais pareceriam.

Não nego a consolação que possa ser o sentirmo-nos não estranhos num mundo em que só por ilustrações sucessivas houvéramos estado. É tudo tão diferente — e, no entanto, ignorados e invisíveis, andamos por ali tal qual como de longe pensáramos. É talvez neste sentimento de invisibilidade (que, ridiculamente, no nosso próprio país não somos capazes de) que residirá a melhor experiência do conhecer de perto. Na realidade não estamos mais perto que no nosso país estaríamos dos nossos compatriotas — mas nada nos separa, e, como ninguém nos vê, a nós próprios não nos interpomos entre nós e os outros. E, se esses outros representam, com todos os seus defeitos, algo cuja melhor expressão sempre estimamos, sem dúvida que teremos cumprido, graças aos Fados, um pouco melhor a nossa missão de colher... e estou a lembrar-me daquela lágrima preciosa, tão gasta imagem de tanta grande e pequena poesia!...

Não nos lembremos, porém, de coisas tristes. Antes nos alegremos pensando como é agradável, para um qualquer de nós, estar, por exemplo, em Inglaterra, e ler um poeta inglês que admiramos. Em Portugal, o estrangeiro é ele, sob o qual nos debruçamos. Aqui, o estrangeiro somos nós; e, de um livro aberto, alguém nos murmura sabiamente o que, à nossa volta, toda a gente vive sem dar por isso. De resto, o curioso é que a poesia em Inglaterra, com tão gloriosas tradições de sábia arte e de inocente cabotinismo, é uma realidade. Em Portugal, por exemplo, não é. Eu explico, para não ofender ninguém. Entre nós, o poeta é um animal consciente de que os outros animais não lhe vêm a cauda que ele tem tão bonita. Em Inglaterra, a maior aflição do poeta consiste precisamente em que todo o mundo está disposto a reconhecer-lhe, sem especial discernimento, a beleza da cauda. Claro que em toda a parte a originalidade principia por não ser entrevista e